

CIÊNCIAS COGNITIVAS: INTERFACES ENTRE SEMIÓTICA COGNITIVA E SINTAXE GERATIVA

COGNITIVE SCIENCES: INTERFACES BETWEEN COGNITIVE
SEMITICS AND GENERATIVE SYNTAX

CIENCIAS COGNITIVAS: INTERFACES ENTRE SEMIÓTICA
COGNITIVA Y SINTAXE GERATIVA

*Gláucia do Carmo XAVIER**

Resumo: Ciências Cognitivas são várias. Cada uma, com suas características e especificações, aborda fenômenos mentais relacionados ao conhecimento, com foco direcionado à aprendizagem, atenção, aquisição de linguagem, memória, emoção, inatismo, competências e usos, além de outras abordagens. Este artigo enfoca duas ciências Cognitivas: a Semiótica Cognitiva e a Sintaxe Gerativa. O objetivo é trazer os principais pressupostos de cada uma delas comparando-as, em relação às suas semelhanças e diferenças, fazendo assim, um paralelo entre elas, tendo como público alvo pesquisadores e estudantes com interesse em conhecer essas duas teorias. Para isso, o presente texto explicita os vieses tanto da Semiótica Cognitiva, quanto da Sintaxe Gerativa, além de trazer seus principais autores e pesquisadores.

Palavras-chave: Ciências Cognitivas, Semiótica Cognitiva, Sintaxe Gerativa.

Abstract: There are many cognitive sciences. Each one has its own characteristics and specifications, they address knowledge-related mental phenomena, focusing on learning, attention, language acquisition, memory, emotion, inatism, competence and performance, as well as other approaches. This paper focuses on two cognitive sciences: Cognitive Semiotics and Generative Syntax. The goal here is to bring their main assumptions comparing them in relation to their similarities and differences, thus making a parallel between both of them for a target public of researchers and students interested in knowing these two theories. Therefore, this paper turns explicit the biases of both Cognitive Semiotics and Generative Syntax, in addition to bringing its main authors and researchers.

Keywords: Cognitive Sciences, Cognitive Semiotics, Generative Syntax.

Resumen: Ciencias cognitivas son varias. Cada una, con sus características y especificaciones, aborda fenómenos mentales relacionados con el conocimiento, con

* Pós-doutoranda em estudos da Linguagem (UFF), doutora em Língua Portuguesa e Literatura (PUC-MG), mestre em Educação (PUC-MG). Professora efetiva do Instituto Federal de Minas Gerais. Contato: glaucia.xavier@ifmg.edu.br.

foco dirigido al aprendizaje, atención, adquisición de lenguaje, memoria, emoción, inatismo, competencias y usos, además de otros enfoques. Este artículo se enfoca en dos ciencias cognitivas: la Semiótica Cognitiva y la Sintaxis Gerativa. El objetivo es traer los principales presupuestos de cada una de ellas comparándolas, en relación a sus semejanzas y diferencias, haciendo así un paralelo entre ellas, teniendo como público objetivo a investigadores y estudiantes con interés en conocer esas dos teorías. Para ello, el presente texto explicita los sesgos tanto de la Semiótica Cognitiva, como de la Sintaxis Gerativa, además de traer a sus principales autores e investigadores.

Palabras clave: Ciencias Cognitivas, Semiótica Cognitiva, Sintaxis Gerativa.

Introdução

Muitas são as ciências cognitivas com o objetivo de compreender fenômenos mentais que tenham relação com o uso do conhecimento, aprendizagem, atenção, aquisição de linguagem, memória, emoção, entre outros. Este trabalho, em especial, apresenta duas ciências cognitivas: a Sintaxe Gerativa e a Semiótica Cognitiva. O objetivo é compreender as relações entre essas duas abordagens, seus pressupostos básicos, autores de referência e, além de demonstrar possíveis espelhamentos entre duas teorias tão distintas, apresentar também seus deslocamentos e diferenças.

O trabalho será dividido em duas seções. A primeira abordará os pressupostos básicos de cada campo de estudo e a segunda abordará os espelhamentos e distanciamentos entre as abordagens, levando em conta alguns temas centrais como sentido, experientiação, linguagem humana, inatismo e arquitetura mental. O trabalho não traz conclusões, pois não as tem como desejável neste modelo, levando em conta o objetivo deste artigo específico.

Pressupostos básicos da Semiótica Cognitiva

O campo de estudos da cognição estabeleceu-se na segunda metade do século XX com uma abordagem interdisciplinar e o objetivo de estudar o *modus operandi* das línguas naturais. O surgimento se deu por um sentimento compartilhado, por vários pesquisadores na sua maioria norte-americanos, de que os estudos até então não contemplavam a complexidade de uma língua viva (SOUZA, 2011).

Porém, foi a partir da década de 80, com os estudos sobre metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF; TURNER, 1996) e espaços mentais (FAUCONNIER, 1985) que a área da cognição se fixou. A partir desse mesmo período que o surgimento de pesquisas sobre integração conceitual e Semiótica Cognitiva se deu (OLIVEIRA, 2014). Atualmente, Inglaterra, França, Estados Unidos e Dinamarca são lugares em que se tem pesquisado a Semiótica Cognitiva de forma mais aprofundada.

A ideia central da Teoria da Integração Conceitual é de que “as representações linguísticas indicam que as pessoas formam conceitos através de uma integração constante de informações provenientes de domínios diferentes de conhecimento e experiência” (OLIVEIRA, 2014, p. 345). Somada a essa perspectiva, tem-se a Semiótica Cognitiva, com Per Aage Brandt como um dos precursores dessa abordagem. Os principais textos da área são datados desse início de século.

Segundo este paradigma, a língua não é considerada apenas como um objeto de análise que pode ser descrita sob a forma de um conjunto de regras objetivas, mas sim como parte integrante das capacidades cognitivas motivadas pela experiencição. Por isso, a língua é entendida como um sistema aberto em que a relação entre a realidade física e os processos mentais é evidenciada. A linguagem é encarada como uma competência geneticamente determinada, mas que não é dissociada do social. Assim, fala-se em corporificação da mente, pois ela não pertence ao cérebro apenas, é integrada a todo o corpo.

Segundo Brandt (2010) a mente tem uma arquitetura de integrações por níveis estáveis de complexidade e isso permite aos sujeitos pensar e se comunicar. O significado, chamado também de conteúdo mental é baseado na integração de cinco diferentes níveis formados por ligações transversais sígnicas ou fundamentos semióticos cognitivos. Essas camadas arquitetônicas direcionam à concepção de fenômenos culturais, comunicação, linguagem, pensamento, atenção, etc.

Para a Semiótica Cognitiva, o sentido é visto como um padrão de comportamento e o objeto de análise são as operações, tendo as emoções como base de toda experiência. Assim, a metodologia dessa abordagem é gestáltica. Para esse entendimento, o conceito de *blending* é fundamental, uma vez que ele é responsável pela integração

conceitual, também conhecido como integração narrativa que se refere à integração material dos cinco níveis, dos mais baixos aos mais altos. Para o entendimento dessa corrente de pensamento, tem-se o conceito de *blending* e a explanação dos cinco níveis complexos de consciência.

Conforme Turner (1996), *blending* é a principal chave da mente, podendo ser compreendido como a origem de novas ideias. Ele nos permite significar o mundo, as pessoas e os processos existentes, integrando ideias antigas às novas sob a forma da recursão. Essas operações de *blending* se dão abaixo do nível de consciência, assim como os cinco níveis da arquitetura mental, proposto por Brandt. Por isso, o ser humano não se dá conta dessas redes mentais criativas.

Apenas os seres humanos são capazes de, todo o tempo, ampliar o alcance do pensamento de modo criativo, sistemático, prolongado, ágil e repetitivo. No entanto, tudo o que se projeta pelo *blending* é limitado socioculturalmente. Ou seja, a mente por ela mesma não amplia suas operações por si só. Depende das experiências e emoções, o movimento de *input* e *output* é necessário (OLIVEIRA, 2014). Por isso, a mente não funciona como um resultado de processos em sequência, mas sim como um sistema complexo que se adapta sempre a novas circunstâncias, eventos e processos.

Nessa medida em que a Semiótica Cognitiva vê o ser humano integrado ao meio ambiente, faz-se importante compreender os processos e os elementos constitutivos presentes na arquitetura mental da significação. Para Brandt (2010), o conteúdo mental é organizado em camadas. E apesar de haver níveis mais baixos e altos, não há hierarquia entre eles. Ao todo são cinco níveis: qualia, objeto/coisas, situações/pessoas, contexto/enciclopédia narrativa e emoções/afeto. A operação fundamental nessa arquitetura é a interação entre os cinco elementos/níveis. Esses níveis podem ser entendidos como múltiplos *loopings* e, ao mesmo tempo, um circuito fechado que se autoalimenta.

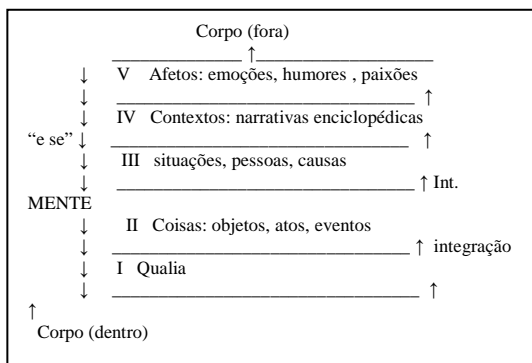
Todos os níveis estão envolvidos o tempo todo, no entanto, é possível que haja aspectos que fiquem em segundo plano e não apareçam tão claramente, fazendo supor que algum nível está fora. A arquitetura pressupõe experiências internas, subjetivas, como, por exemplo, a vermelhidão do vermelho, a dor da dor. Como essas são experiências subjetivas, não são iguais. Os cinco níveis não são separados de forma biológica de seu funcionamento, porém, de

maneira epistemológica, podem ser separados para serem estudados, compreendidos.

Primeiramente, é preciso salientar que a mente opera com princípios constitutivos, é um sistema complexo adaptativo, por isso a produção de ordem é sempre a partir de uma desordem e, devido a isso, a Semiótica Cognitiva dedica-se a como o ser humano integra conhecimentos para ter sentido, significação, tendo o tempo e espaço como uma organização emergente. Já a significação pode ser vista como o conjunto de valores presentes no organismo somado ao ambiente.

A arquitetura mental da significação pode ser representada pela figura a seguir:

Figura 1- Arquitetura mental da significação



Fonte: Brant (2010 p.27).

O nível I (qualia) se refere ao acontecimento puro, à consciência, às formas mono-modais (cor, som, forma, odor, etc) e estão ligados aos processos físicos e fisiológicos da percepção e da memória. Os níveis intermediários II, III e IV são determinados, de alguma maneira pela cultura, pelo social e operam por meio da linguagem. Pelo nível V (afeto) a linguagem humana se refere aos níveis anteriores fazendo uso, geralmente da metaforização.

É possível afirmar que as operações cognitivas unificam os níveis em processos que interagem entre si, de baixo para cima, e processos imaginativos de cima para baixo em um fluxo dinâmico e durativo pelo qual emerge o significado. Para Brandt (2010), produzir

sentido, é produzir padrões de comportamento, é produzir níveis de consciência. Não se separa o indivíduo do social, pois a consciência não está em uma região específica, ela não é coisificada. É um processo dependente do meio, dos aspectos socioculturais e das emoções advindas da experiencição. Nessa medida, a Semiótica Cognitiva trabalha com a produção de sentido não de uma forma justaposta, mas pela emergência, pelas operações, pelo todo e não por fragmentos.

Pressupostos básicos da Sintaxe Gerativa

Um dos fenômenos mentais mais relevantes no estudo da cognição é a linguagem, para se integrar aos estudos cognitivos da linguagem, tem-se a linguística com a tarefa de explicar a natureza, a origem e o uso da linguagem humana. No arcabouço da linguística, tem-se a Sintaxe Gerativa.

O estudo da Sintaxe Gerativa e sua origem remetem ao século XVII com a tradição da gramática filosófica. Nesse momento, filósofos como Descartes e Humboldt já tinham uma forte opinião que defende que “a linguagem é um bem particular da espécie humana” (CHOMSKY, 1973, p.23). No entanto, a tendência de estudos da linguagem que surgiram no século XVIII se voltou mais fortemente para a linguística estrutural-descritiva moderna que dominou a pesquisa até o começo de 1950. Entretanto, Chomsky¹ começou a questionar essa corrente de pensamento. Considera-se 1957 o ano de nascimento da linguística gerativa, ocasião em que Chomsky publicou seu primeiro livro, “Estruturas Sintáticas”.

O principal argumento de Chomsky era o de que os estímulos apresentados às crianças na fase de aquisição da linguagem eram pobres e insuficientes. Dominar a língua natural nos dois primeiros anos de vida, levando em conta que as frases ouvidas pelas crianças, por vezes, apresentam construções imprecisas (rupturas, hesitações,

¹Avram Noam Chomsky é um americano nascido em 7 de dezembro de 1928 e é professor de linguística no (MIT) Instituto de Tecnologia de Massachusetts, nos Estados Unidos. Com apenas 29 anos, já tinha escrito algumas obras que davam origem ao Gerativismo. Ele exerce um importante papel na ciência ainda hoje. Entre os anos de 1980 e 1992, foi considerado um dos dez autores mais citados no mundo como Marx, Lenin, Shakespeare, Aristóteles etc.

trocas de sons e incompletudes) ia contra a tese de que elas só falavam o que ouviam. Assim, Chomsky defende a ideia do antiempirismo e do inatismo. O inatismo deve ser entendido como algo pertencente a uma herança genética que dê à criança, em fase de aquisição da linguagem, uma capacidade de ir além dos dados obtidos, em grande parte, empobrecidos.

A pesquisa em gramática gerativa chomskyana levanta as seguintes questões essenciais: o que é o conhecimento da língua? Como esse conhecimento é adquirido e posto em uso? Que sistemas físicos no cérebro servem de base ou suporte para esse conhecimento? (BORGES NETO, 2004). Para obter respostas a essas questões, a pesquisa de Chomsky apresenta uma metodologia dedutiva² e traça um caminho para delimitar seu objeto de estudo que é a sintaxe. Nos estudos sobre a linguagem, Chomsky opta pelo estudo da competência em detrimento ao desempenho. Na competência, ele foca na Sintaxe e, nela, o núcleo dos estudos é uma Gramática Universal em que os princípios são mais centrais que os parâmetros³.

A aquisição da linguagem pela criança é determinada por uma faculdade inata de linguagem e pode ser entendida como um algoritmo. Isto é, como um dispositivo presente biologicamente em todos os seres humanos que nos fornece um sistema gerativo, um conjunto de instruções sequenciais, como as inscritas em um programa de computador, ou seja, a Faculdade de Linguagem é um programa de aquisição da língua a partir de algoritmos transmitidos geneticamente para desenvolver uma gramática, que é baseada em experiências linguísticas das crianças (RADFORD, 2004). A este conhecimento inconsciente e linguisticamente internalizado, a Gramática Gerativa designa o nome de competência. Isto é, o falante nativo de uma língua tem, no nível mental, dispositivos que possibilitam inúmeras combinações a fim de formar palavras, sintagmas, sentenças, mas o real uso da linguagem somente seleciona algumas combinações. Com isso, declara-se que o que realmente um falante produz ou entende em

²Método científico que considera a conclusão como implícita nas premissas e o conhecimento como não dependente da experiência para confirmar respostas. Geralmente, parte-se de um conhecimento geral para o particular.

³Segundo Chomsky (1995, p.52-53) “Distinguimos a competência do Manuel (o seu conhecimento e compreensão da sua performance (o que ele faz com o seu conhecimento e compreensão)”.

termos linguísticos, em uma ocasião concreta, é denominado desempenho. Chomsky dedica seus estudos à competência e não ao desempenho, apesar de se saber que a competência é entendida a partir dele. Ou seja, pelo uso, decorrente das estruturas efetivamente produzidas, estuda-se o que um falante sabe da língua.

A ideia do universal se sobrepõe à do particular. Portanto, o gerativismo se interessa pelo conhecimento mental que é comum a todos os falantes independentemente do idioma falado. A proposição fundamental da teoria da Gramática Universal proposta por Chomsky é a de que toda criança nasce biologicamente equipada com uma gramática, na qual se encontram todas as regras possíveis de todas as línguas. Daí a possibilidade de uma criança brasileira falar o português, uma criança francesa falar o francês ou uma criança japonesa falar o japonês, desde que esteja exposta a tais línguas.

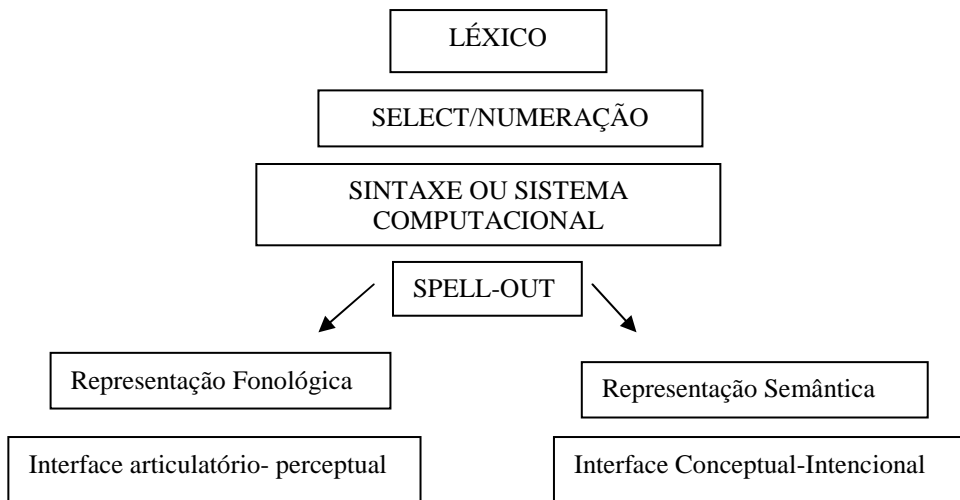
Quando se diz que a Gramática Universal é regida por princípios, pode-se compreendê-los como propriedades universais das línguas naturais. São os princípios que “oferecem um esquema altamente restritivo a que cada língua humana tem de se conformar, assim como condições específicas que determinam como a gramática de qualquer língua pode ser usada” (CHOMSKY, 1973, p.83). Por outro lado, os parâmetros devem ser entendidos como as possibilidades de variação entre as línguas, isto é, as possibilidades de diferenças sintáticas entre as línguas naturais.

Para Chomsky (1995, p. 16) a mente “possui aspectos dedicados à linguagem _ a que chamamos a sua Faculdade da Linguagem”, especificamente associado à produção e à compreensão da língua. A Teoria Gerativa defende a ideia de que a linguagem, complexa como é, constitui-se como uma das coisas que diferenciam os homens dos animais (HAUSER, CHOMSKY, FITCH, 2002).

Vê-se que os sistemas mentais precisam ter ligações com sistemas externos para que haja uma geração da linguagem, com o objetivo tanto de produção quanto de recepção dela. Na tentativa de minimizar os processos formadores das sentenças, como ocorria até então, surge o Programa Minimalista em 1995. Porém o Programa Minimalista “não é um novo modelo no quadro geral da Teoria Gerativa, mas sim uma extensão, adaptada em muitos pontos e refletindo uma nova forma de teorização” (FERRARI NETO, 2012, p. 26).

A seguir, tem-se o *design* do Programa Minimalista para a produção da linguagem:

Figura 2-Design do Programa Minimalista



Fonte: Elaborado pela autora

O esquema apresentado demonstra que a partir do Léxico que “especifica os itens que participam nas operações do sistema computacional, com as suas propriedades idiossincrásticas⁴” (CHOMSKY, 1995, p.245) as categorias lexicais e funcionais com seus traços são selecionadas para formar as sentenças. Essa seleção recebe o nome *select* e forma uma Numeração. A ideia é que esses itens já vêm da Numeração com traços definidos como traços de gênero, de número, plural, de categoria, de caso, etc. Após a seleção de palavras no Léxico, ocorre no Sistema Computacional a derivação das sentenças. Para que a sentença formada no Sistema Computacional seja expressa e compreendida a operação chamada *spell-out* entra em ação. É ela que permite a divisão da estrutura sintática para as interfaces fonológica e semântica. Após cada movimentação feita, não há possibilidade de voltar e se refazer nada. A cada operação finalizada na

⁴“Estas propriedades incluem a representação da forma fonológica de cada item, a especificação de sua categoria sintática, e as suas características semânticas” (CHOMSKY, 1995, p. 70).

sintaxe, a sentença é enviada para receber sua forma fonológica (para ser dita) e sua forma lógica (para ser interpretada).

As sentenças são formadas por sintagmas. Segundo o Programa Minimalista, uma sentença é formada por um sintagma complementizador (SC), um sintagma flexional (SF/ atualmente, também conhecido como sendo sintagma de tempo- ST), um sintagma do verbo *light* ou leve (Sv) e um sintagma verbal (SV). Os sintagmas são representados como “galhos de uma árvore” em uma combinação binária, chamado, na Sintaxe Gerativa, de forma arbórea. As árvores são as representações dos processos mentais no sistema computacional, quer dizer, representa-se na árvore o que ocorre dentro do sistema computacional no momento em que a sentença é produzida.

Os itens lexicais, com seus traços, entram, no sistema computacional e lá ocorrem operações como *merge* (ou também concatenação). Esse fenômeno faz com que a construção da sentença se dê de forma mais rápida dentro da gramática mental. Além dessa operação, dentro da Sintaxe, ocorre a operação *move* (ou movimento), que, como o próprio nome indica, movimenta os itens na sentença.

Portanto, como se viu, a Sintaxe Gerativa postula que a Sintaxe utiliza regras computacionais para construir sintagmas e frases e seu estudo é dedicado ao conjunto dessas regras sintáticas aplicadas a um dado conjunto de línguas naturais.

Comparações: espelhamentos e deslocamentos

Como se puderam notar as duas ciências lidam com a cognição, ou seja, tem o objetivo de compreender a natureza e o funcionamento da mente humana. Também as duas postulam que a competência linguística é geneticamente determinada e que o social exerce papel importante. No entanto, para a Sintaxe Gerativa, o social se limita ao campo do desempenho, quer dizer, o indivíduo nasce com um aparato linguístico pré-determinado, mas essa competência necessita do desempenho. Então, apesar de a Sintaxe Gerativa afirmar que a linguagem e sua aquisição sejam inatas, o indivíduo só adquire uma língua se for exposto a ela. Já o social para a Semiótica Cognitiva tem maior importância, uma vez que ele não é dissociado de nenhum nível da arquitetura mental da significação. Os aspectos socioculturais estão presentes, em alguma medida, do nível um ao nível cinco e é um

dos elementos constitutivos da linguagem, já que a significação, na Semiótica Cognitiva, se dá como resultado do valor atribuído no organismo com o ambiente, com o social.

A Semiótica Cognitiva apresenta em sua teoria uma arquitetura mental contendo cinco níveis em sua organização. A ideia é que haja, o tempo todo, a integração desses níveis, sem hierarquia entre eles. Operações são realizadas a todo instante e a partir delas, a significação emerge. Já na Sintaxe Gerativa, a língua é representada por regras e estas podem ser representadas por árvores sintáticas com nódulos que representam sintagmas da sentença, esta é a arquitetura da linguagem humana na Gerativa. Nessa teoria, operações também ocorrem todo o tempo, em especial duas: *merge* e *move*. Nessa arquitetura, o sistema é organizado segundo princípios e regras que geram expressões linguísticas de maneira ordenada e previsível. Após as operações na Sintaxe, os sistemas cognitivos acessam sistemas de interface: o articulatório-perceptual, responsável pela forma (som) e o conceitual-intencional, responsável pelo conteúdo (significado).

Na Semiótica Cognitiva a produção de sentido é resultado da integração dos cinco níveis e coloca a experiência do indivíduo em primeiro plano, ela é integrada às emoções, *qualia* e ao ambiente, por isso o sentido é entendido como um padrão de comportamento. Já na Sintaxe Gerativa, a produção de sentido se dá pelas operações sintáticas, a sintaxe está a serviço da significação. Para a Sintaxe Gerativa, o sentido só pode ocorrer se as operações sintáticas não fracassarem no Sistema Computacional. Após todos os processos, a sentença passa pela forma fonológica e forma lógica, aí poderá ser interpretada.

Sobre as operações, tanto na Semiótica Cognitiva, quanto na Sintaxe Gerativa, elas são as mesmas, o que modifica na Semiótica Cognitiva são as experiências humanas, já na Sintaxe Gerativa são os traços fonológicos, sintáticos e semânticos. Naquela, as experiências diferenciadas fazem emergir sentidos diferenciados; nesta, são os traços diferentes que, concatenados, formam sentenças diferentes e assim, conseqüentemente, emergem sentidos diferentes.

A Sintaxe Gerativa pressupõe que a linguagem seja mental e modular. Assim, como existe um sistema motor, respiratório, etc, existe também um sistema da linguagem. Não se fala em lugar físico cerebral para o módulo linguístico, mas a literatura não cita, para a

Sintaxe, mente além de cérebro. Já a Semiótica Cognitiva afirma que a mente e a consciência não estão apenas no cérebro. Assim o estudo da mente se dá em toda a estrutura neurofisiológica e neuropsicológica em conjunto com uma dimensão social e cultural.

Por fim, vê-se que apesar de diferentes perspectivas, as teorias apresentam algumas semelhanças. O mais importante, no entanto, é perceber que as diferentes possibilidades de estudos no campo linguístico se completam. Enquanto uma tem como objeto da linguagem o estudo sintático e a formação das sentenças, a outra tem como objeto toda a experiencição humana no seu ambiente sociocultural.

Referências

BRANDT, Per Aage. The mental architecture of meaning. A view from cognitive semiotics. In: **Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**. São Paulo: PUC SP, 2010.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e Pensamento**. Tradução de Francisco M. Guimarães. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

CHOMSKY, Noam. **The minimalist program**. Cambridge: MIT Press, 1995.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental spaces: Aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge, MA: MIT Press, 1985.

HAUSER, Marc D.; CHOMSKY, Noam; FITCH, W. Tecumseh. The Faculty of Language: What is it, Who has it, and How did it evolve?. **SCIENCE**, New York, v. 298, p. 1569-1579, nov. 2002.

KENEDY, Eduardo. Léxico e Computações Lexicais. IN: FERRARI NETO, José.; SILVA, Cláudia Roberta Tavares (Org.). **Programa Minimalista em foco: princípios e debates**. Curitiba, PR: CRV, 2012.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago, IL.: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More than cool reason: A field guide to poetic metaphor**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1989.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. The Origin of Ideas: Blending, creativity, and the human spark. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 18, n. 34, p. 345-356, 2º sem. 2014.

RADFORD, Andrew. **Minimalism Syntax: Exploring the Structure of English**. New York: Cambridge University Press, 2004.

SOUZA, Bibiana Maria Fernandes de. **Mapeando mundos no mundo do futebol: abordagem semiótica**. 598f. 2012. Tese (Doutorado) - Doutoramento em Linguística, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

TURNER, Mark. **The origin of ideas: Blending, creativity, and the human spark**. New York, NY: Oxford University Press, 2014.

TURNER, Mark. **The literary mind: The origins of language and thought**. New York: Oxford University Press, 1996.

Recebido em: 25/06/2017

Aceito em: 30/07/2017